



1 - SÂNZIO DE AZEVEDO

## SÂNZIO DE AZEVEDO

Rafael SÂNZIO DE AZEVEDO, filho do poeta Otacílio de Azevedo, (que foi ocupante da Cadeira nº 26) e de Teresa Almeida de Azevedo, nasceu em Fortaleza, no dia 11 de fevereiro de 1938. Fez o curso primário no Instituto Valdemar Falcão e o ginásial no Ginásio Agapito dos Santos. Após passar quase sete anos em S. Paulo, onde foi revisor d' *O Estado de S. Paulo*, voltou ao Ceará, fez o Artigo 99 no Liceu do Ceará e se licenciou em Letras pela Faculdade de Filosofia do Ceará (1972). Fez Pós-Graduação no Rio, na UFRJ, obtendo o título de Doutor em Letras (1980). Ex-professor da Faculdade de Filosofia do Ceará, é professor do Departamento de Literatura da UFC, lecionando Literatura Cearense e Teoria do Verso; no Mestrado em Letras tem ministrado cursos de Literatura Brasileira. Obras publicadas: *A Terra Antes do Homem* (1962), divulgação científica; *Cantos da Longa Ausência* (1966) e *Canto Efêmero* (1986), poesia; *Caminhos da Poesia* (1968), *Poesia de todo o Tempo* (1970), estudos; *A Padaria Espiritual* (1970), *A Academia Francesa do Ceará* (1971) e *O Centro Literário* (1973), sínteses históricas; *Literatura Cearense* (1976), panorama didático; *Apolo versus Dionisos* (1978), *Aspectos da Literatura Cearense* (1982), estudos; *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará* (1983), tese; *Dez Ensaio de Literatura Cearense* (1985) e *Novos Ensaio de Literatura Cearense* (1992). Com os *Caminhos da Poesia* conquistou os Prêmios Ensaio e Crítica da Academia Cearense de Letras de 1967 (não era ainda acadêmico) e Cidade de Fortaleza, da Secretaria de Cultura de Fortaleza, em 1968. Com *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará* recebeu o Prêmio Estado do Ceará de Ensaio e Estudos Literários de 1984 da Secretaria de Cultura do Ceará. Organizou e prefaciou a reedição de *Tentação e No País dos lanques* (1979), de Adolfo Caminha, edição da J. Olympio em convênio com a Academia Cearense de Letras; a edição fac-simila-

da d' **O Pão da Padaria Espiritual** (1982), ACL, UFC e PMF; e a edição dos **Poemas Escolhidos** (1986), de Cruz Filho, da Col. Alagadiço Novo, da UFC. Tem prefaciado outras reedições, como a de **Dolentes**, de Lívio Barreto (1970); a de **O Simas**, de Pápi Júnior (1975), a reunião dos **Contos** (1976), de Oliveira Paiva, trabalho feito em colaboração com Braga Montenegro, **Crônicas** (1976), de Margarida Sabóia de Carvalho, **O Norte Canta** (1985), de Martins d'Alvarez, os **Poemas Reunidos** (1986), de Júlio Maciel, etc. Há um trabalho de sua autoria, "Um Poema Cearense de Manuel Bandeira", na obra coletiva **Homenagem a Manuel Bandeira** (1989), organizada por Maximiano de Carvalho e Silva e editada no Rio. Também figura um ensaio seu, "Grêmios Literários do Ceará", na **História do Ceará** (1989), coordenada por Simone de Souza e editada pela UFC e pela Fundação Demócrito Rocha. Colaborador Especial da **Enciclopédia de Literatura Brasileira** (1990), de Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa, é autor do verbete "Ceará". Tem colaborado em periódicos de sua terra e de outros Estados, podendo-se destacar seu estudo "Desarticulação rítmica e irregularidades métricas no Simbolismo brasileiro", na **Revista de Cultura Vozes** (outubro de 1977), de Petrópolis, e a série "Poetas do Ceará", que manteve no jornal **O Povo**, nas edições dominicais, de março de 1981 a novembro de 1983. Falando de um de seus livros, Wilson Martins viu no autor uma "intenção historiográfica servida por sólidos conhecimentos literários e inegável acuidade crítica".

## VERSOS DE ADOLFO CAMINHA

SABEM os estudiosos do passado literário do Ceará que, ao publicar os seus *Versos Diversos* (1890), teve Antônio Sales que responder à crítica impiedosa de Adolfo Caminha (seu futuro companheiro na Padaria Espiritual), o qual, a certa altura, nas colunas de um jornal da terra, disse que não invejava Sales: "Fora preciso para isso que eu não soubesse tanger a lira tão bem como o decantado poeta dos Versos."<sup>1</sup>

Na verdade, Adolfo Caminha se consagrou mesmo — e com justiça — como romancista, dos melhores do Naturalismo brasileiro, autor de obras como *A Normalista* (1893), *Bom-Crioulo* (1895) e *Tentação*, editado em 1897 com data de 1896. Entretanto, seu renome na ficção faz com que nos ocupemos de sua produção poética, bem mais desconhecida do que se possa imaginar.<sup>2</sup>

Publicou um único volume de poemas, *Vôos Incertos*, de 1887, e não 1886, como uma vez afirmamos.<sup>3</sup> Esse livro, que compulsamos graças à professora Maria da Conceição Souza, é puramente romântico, o que aliás já foi assinalado, entre outros, por Leonardo Mota (*A Padaria Espiritual*, 1938). É também extremamente fraco, em nada fazendo prever que seu autor seria um dos cultores mais radicais da corrente naturalista em nossa ficção. Usando epígrafes de George Sand e Almeida Garrett, o jovem se espraiava em versos do teor destes, de "A Tarde", em

---

1. *O Estado do Ceará*. Fortaleza, 10.4.91.

2. No v. 4, dos *Lembrados e Esquecidos* (1979), o professor Otacílio Colares dedicou um capítulo aos versos de Caminha, mas focalizou apenas os *Vôos Incertos*, aludindo, de passagem, ao soneto "No Banho", reproduzido da *Antologia de Poetas Bissexto do Ceará*, (1970), de Artur Eduardo Benevides.

3. Antes de conhecer os *Vôos Incertos*, baseamo-nos em Lúcia Miguel Pereira (*Adolfo Caminha*. Rio de Janeiro Agir, 1960, col. Nossos Clássicos, v. 52.), mas engano maior é o de Sabóia Ribeiro, que diz: "O ano de 84 ia dar-lhe uma oportunidade que ficaria memorável. Era já autor de duas brochuras — *Vôos incertos*, poesia, e *Judite ou Lágrimas de um crente*, novela romântica." (*Roteiro de Adolfo Caminha*. Rio de Janeiro, São José 1957, p. 11). No fim do livro na cronologia do autor, esses dois livros aparecem como sendo de 1885...

que diz: "Eu amo a tarde. Eu gosto estar sozinho, (*sic*) / quando do céu, em busca do seu ninho, / desce voando a cândida andorinha, / cheia de amor, jovial." 4 Emocionado com a morte de Victor Hugo, exclama, em versos datados de 22 de maio de 1885: "Os *Miseráveis* não morrem, / que o gênio nunca morreu! / São miseráveis que correm... / São almas que vão p'r'o céu!" 5 Dirigindo-se à pátria de Jesus, lamenta, nos alexandrinos de "Belém":

Tu eras n'outro tempo a deusa do Oriente;  
Trazias sobre a fronte a estrela resplendente  
o astro deslumbrante, a luz de todo o mundo.  
O que resta de ti, rainha fascinante?  
O nada, a solidão, te cercam neste instante.  
Dormes no esquecimento o sono tenebroso  
o sono eterno, infindo — o sono misterioso. 6

Lendo-se versos como estes chega-se a entender por que Adolfo Caminha, na polêmica aludida, ao desafiar Antônio Sales para "Um tour de force em prosa ou em verso", não aceitava comparar os seus *Vôos Incertos* com os *Versos Diversos* de seu contendor...

O que nem todos sabem é que o autor d'*A Normalista* haveria, pelo menos até se fixar no romance, de povoar os periódicos de Fortaleza e do Rio de Janeiro com os seus versos. Assim é que no jornal *Libertador*, da capital cearense, estampa, em 1889, vários sonetos, assinando-se Ad. Caminha: "A Partida", "Amor Fatal", "No Mar", "Decadência" e "Voz de Artista". Destaquemos "Amor Fatal", saído no dia 29 de março daquele ano:

---

4. CAMINHA, Adolfo. *Vôos Incertos*. Rio de Janeiro, Tip. da Escola, (1887), p. 9.

5. *Ibidem*, p. 30.

6. *Ibidem*, p. 31.

Vi-a passar, a lúbrica Maria,  
olhar sereno, indiferente, à toa...  
Ao vê-la o coração da gente entoa  
dentro do peito uns hinos de alegria.

Débil, franzina, o mundo lhe perdoa  
os pecados da carne, e acaricia  
aquela carnação torpe, doentia,  
que encerra uma alma afetuosa e boa...

Vi-a depois no leito da agonia,  
a se estorcer na derradeira luta,  
quase cadáver, pálida, sombria...

E eu disse dentro em mim: Alma corrupta,  
se tu vivesses mais sequer um dia,  
eu te amaria ainda, prostituta!

Continua o poeta demasiadamente preso aos temas e à dicção do Romantismo que, diga-se de passagem, ainda pontificaria por vários anos no Ceará. (Note-se a irregularidade da rima *corrupta / prostituta*.) É certo que no verso nunca se livraria totalmente dessas notas, mas o tempo lhe daria maior segurança artesanal. De resto, o cultivo do soneto (há um só nos *Vôos Incertos*) já o aproximava da arte de seu tempo. É o que ocorre com "No Banho", que figura numa coletânea organizada por Laudelino Freire no início do século. Há ainda acentos românticos no poema, porém com o prenúncio de um Parnasianismo que o escritor jamais abraçaria. Note-se, nos tercetos, uma disposição de rimas pouco usual, em CCD/DDC:

Ninfas do bosque, Náiades formosas,  
Sátiros, Faunos, vinde vê-la agora,  
Nua, no banho, esta ideal senhora,  
Que em beleza e frescura excede as rosas.

Vinde todos depressa!... Ei-la que cora...  
Ei-la que solta as tranças graciosas  
Sobre as espáduas níveas, capitosas...  
Ei-la que treme à loura luz da aurora...

Tinge-se o céu de cores purpurinas.  
O sol desponta; as tímidas boninas

Mostram à luz os cálices doirados.

Vede-a, Ninfas, agora: os nacarados  
Lábios, os seios tímidos, nevados,  
Segredam cousas ideais, divinas! 7

Curioso é o fato de haveremos encontrado esse mesmo soneto, na secção "Cofre de Pérolas", *d'O Estado do Ceará*, de 13 de abril de 1891, com poucas alterações (a maior delas o verso 8, que era, no jornal, "Ei-la que treme ao despontar da aurora..."), com data de março de 1891, mas assinado... por Virgílio Lessa! Jamais vimos referência a tal pseudônimo do escritor, mas cremos, até prova em contrário, tratar-se de criptônimo de Caminha, já que nos jornais da época não se falou de plágio nem de apropriação indébita. É pouco provável que Laudelino Freire incluísse em sua antologia, como de Adolfo Caminha, poema de outrem. No mesmo jornal, na mesma secção, em 2 de abril desse ano de 1891, apareceu, assinado igualmente por Virgílio Lessa, o soneto "Consuelo", por sinal dedicado a Alfredo Peixoto, poeta, dileto amigo e companheiro de farda de Caminha:

Era divina a minha Consuelo!  
Aquele olhar de santa comovida,  
piedoso e casto e radiante, ao vê-lo

A gente esquece o mundo inteiro, a vida,  
a eternidade — o próprio Deus que fê-lo  
d'alguma estrela n'amplidão perdida!

O Romantismo aqui é mais evidente, mas, a julgar pelos outros poemas aqui reproduzidos, tudo indica tratar-se de versos de Adolfo Caminha.

Já no Rio de Janeiro, Caminha faria publicar, em *O País*, da Capital Federal (onde terminaria seus dias), em 11 de abril de 1893, ano da publicação *d'A Normalista*, "Em Abril" (Instantânea), soneto descritivo que, sem embargo da dialefa no verso 9 (a mata / ondejante), revela que iam longe os dias de aprendizado:

---

7 - FREIRE, Laudelino. *Sonetos Brasileiros*. Rio de Janeiro, M. Orosco & Cia. 1904, p. 152. (O antologista dá o autor como nascido em 1863 e falecido em 1896. Na 2ª edição da obra, de 1916, corrigiu: Adolfo Caminha nasceu em 1867 e faleceu em 1897.)

De um lado e d'outro a mata ondejante  
de guabirabas e de cajueiros  
surpreende o vago olhar do viajante.

Bandos de juritis voam rasteiros  
de um lado e do outro. Escuto a cada instante  
a toada longínqua dos vaqueiros. . .

E mais seguro ainda se mostra o poeta em "Nunca e Sempre" (Sentimentalismo), publicado na *Gazeta de Notícias*, do Rio, em 7 de agosto de 1893, texto que devemos à gentileza do professor norte-americano Walter Toop:

Nunca mais! Nunca mais... E eu repetia  
volvendo o olhar para o passado, enquanto  
o sol, em fogo, ao longe se sumia,  
e nos meus olhos rebentava o pranto.

Por que não voltas, como a luz do dia,  
por que não voltas, passageiro encanto?  
E — nunca mais — a noite me dizia  
desenrolando o lutuoso manto...

Foram-se os velhos ideais d' outrora,  
foram-se as brancas ilusões queridas  
por entre as névoas do passado em fora!

Vejo-as ainda — pombas foragidas,  
pombas de neve — ainda as vejo agora,  
mortas, abandonadas, esquecidas...

Estamos aqui bem distante do bisonho poetar dos *Vãos Incertos*, mas é inegável que os acentos românticos nunca abandonaram a poesia do autor das *Cartas Literárias*. O que demonstra que um seguidor do Realismo-Naturalismo pode perfeitamente continuar pagando tributo à sua formação (sob a égide de Musset ou de Lamartine), pelo menos em seus poemas...

*Dos Novos Ensaios de Literatura Cearense* (1992).